

Infohabitar, Ano XVI, n.º 757

Uma habitação ligada à natureza e bem estimulante (bons espaços e ambientes domésticos I) – Infohabitar # 757

António Baptista Coelho
(texto e desenhos)

Resumo

No presente artigo desenvolve-se uma reflexão sobre os aspetos que caracterizam o que podemos considerar como "bons espaços e ambientes domésticos", abordando-se as matérias "básicas" da relação com a natureza e da previsão de boas condições de conforto ambiental, e de como uma habitação pode ser verdadeiramente agradável e estimulante, numa abordagem que se baseia nos modos como as crianças sentem e vivem o seu espaço doméstico de grande proximidade.

Refletimos, assim, um pouco, sobre a importância do conforto ambiental e da força imaginativa dos nossos mundos domésticos, numa dupla perspectiva que nos poderá proporcionar uma habitação agradável e globalmente estimulante.

1. Em primeiro lugar: respeitar a relação com a natureza

É, de certa forma, consensual que para oferecer bons espaços e ambientes domésticos há, em primeiro lugar, que respeitar, nesses espaços, a relação global e múltipla com a natureza e, designadamente, com o movimento aparente do Sol; e se imaginarmos espaços expressivamente isolados/separados de tais relações teremos, sem dúvida, espaços muito desagradáveis e mesmo tendencialmente muito pouco habitáveis (ex., no limite, os odiados calabouços medievais, isolados da natureza, do

mundo vivo e mesmo praticamente do passar do tempo e, cumulativamente, sem qualquer conforto e espacialmente mínimos).

Escreveu Ken Kern que:

"as relações com as horas do dia, as estações e a orientação solar formam uma parte inconsciente da experiência do homem, do mesmo modo que a necessidade de isolamento e de sociabilidade.... Uma casa de vidro, por exemplo, com a sua acessibilidade e transparência, conduziria à satisfação do aspecto social e extrovertido da natureza humana e da sua ânsia de expansão. A natureza introvertida do homem, por outro lado, pode procurar os confins das suas origens cavernícolas... em espaços obscuros e misteriosos. De qualquer modo, o encerramento de um espaço não deve entrar em conflito com a expansividade de outro. Ambos são igualmente necessários e essenciais....O espaço não tem de ser necessariamente restringido pelos seis planos de um compartimento desenhado e construído de maneira convencional. O espaço pode ser ilimitado ou pode estar apenas parcialmente confinado". (1)

Estas importantes palavras de Ken Kern levam-nos muito longe e muito fundo, tanto nas matérias, aqui abordadas, da relação global com a natureza e da sua importância essencial na construção do bom habitar, como na matéria mesma da boa arquitetura do habitar e de uma sua exigente e múltipla qualificação, que, para ser ainda mais sensível e sentida, deverá funcionar de forma “una” e especificamente caracterizada em cada intervenção, aliando-se, com grande naturalidade, aspetos múltiplos da composição arquitectónica com aspetos básicos do bem-estar e da relação com o meio natural e o mundo vivo e cíclico, como é, por exemplo, uma adequada e estimulante insolação dos diversos espaços domésticos ao longo do dia e ao longo do ano.

E é bem interessante ter presente que, por exemplo, a importância da insolação na satisfação e mesmo na alegria de se habitar uma dada casa é algo de fundamental; e nesta matéria e julga-se a propósito lembra-se que Rodríguez Villasante referiu (2) que num extenso conjunto de empreendimentos de habitação de interesse social na envolvente de Madrid, não se detectaram manifestações de insatisfação para com os espaços/fogo, nem transferência para eles de aspetos de culpa por condições de existência menos agradáveis, mas como única exceção destacaram-se queixas de habitantes que reclamavam por falta de luz e de insolação nas suas habitações, que estavam orientadas a Norte. (3)

E nunca será demais sublinhar que tais aspetos de relação com o meio natural, com a luz do dia, com o luar, com o vento, com os reflexos da luz do Sol nos interiores se têm de casar/integrar com os aspetos da comunicabilidade entre espaços interiores, exteriores e de transição, e ainda com os tão importantes aspetos de relação com as vistas exteriores mais próximas e/ou paisagísticas; e tudo isto num respeito ou num adequado e adaptável serviço ao conjunto das funções residenciais.



Fig. 01: um espaço habitacional (i) que tem de ser concebido em aliança com o espaço naturalizado envolvente e devidamente intervencionado em termos paisagísticos e (ii) tendo em conta os diversos aspetos de conforto ambiental que esse espaço envolvente proporciona diretamente e nas habitações contíguas e próximas.

2. Importância determinante do conforto ambiental

A ideia que se quer aqui sublinhar é a importância determinante do conforto ambiental, com destaques específicos para a insolação, a luz natural, a ventilação (4), o isolamento de ruídos e o isolamento térmico, para uma verdadeira satisfação com o espaço doméstico. De certa maneira podemos dizer que tudo o resto se constrói sobre esta base de adequado conforto ambiental de que se conhecem já, bem, os respectivos aspectos técnicos.

São os seguintes os aspectos julgados fundamentais para um adequado conforto ambiental doméstico.

2.1. Máxima, mas cuidada, insolação e iluminação natural abundante e geral.

Chama-se a atenção para a influência que têm estas condições no bem-estar físico e psicológico e na alegria de viver, e basta lembrar os dias cinzentos que a muitos deprimem para imaginar a influência que tem uma casa em que mal se veja o Sol e onde se tenha de estar, quase sempre, de luz acesa.

Naturalmente que a luz e a radiação solar não poderão ser em excesso e para isso importa trabalhar, seja em aspetos básicos de orientação e dimensionamento dos vãos exteriores, seja na sua adequada configuração e eventual proteção (ex., palas de sombreamento).

E é interessante referir que a melhor caracterização do habitar em termos de espaço arquitectónico decorre, em grande parte, interior mas também exteriormente, de um adequado e arquitetonicamente bem integrado e pormenorizado aproveitamento e controlo dessas adequadas condições de insolação, luz natural, ventilação, relação com o bem-estar higrotérmico e conjugação com as vistas exteriores, mas evidentemente não esquecendo as vistas próprias.

De certa forma a arquitetura residencial pode e deve retirar boa parte do seu carácter próprio e desejavelmente quase único de uma adequada e sensível habilitação ao meio natural em que se deverá integrar, lembrando, afinal, a sua razão básica e fundadora de abrigo e proteção em total integração na natureza.

2.2. Diversas zonas e compartimentos bem orientados.

A orientação dos diversos compartimentos habitacionais deve ser desenvolvida relativamente ao movimento aparente do Sol, respeitando, sempre que possível, a velha e boa estratégia do acordar com o Sol nascente, das cozinhas mais frescas e protegidas e da proteção do Sol poente, designadamente, nos espaços mais ocupados ao final da tarde ou a partir desta altura do dia.

E há muito escrito sobre a importância que tem poder-se viver um dia-a-dia marcado pelos ritmos naturais, um dia-a-dia que, depois, se estende, com agradável naturalidade, ao próximo acompanhamento da mudança das estações do ano, matéria esta que, evidentemente, se liga à existência de uma expressiva componente de verde urbano.

2.3. Ventilação cruzada eficiente e "positiva".

O espaço habitacional deve ser cuidadosamente “varrido” por uma ventilação cruzada, que se desenvolva, portanto, entre duas fachadas opostas, condição esta que é de grande importância para a renovação do ar interior, para o controlo da humidade no ar interior, e para o desejável equilíbrio da temperatura interior, associada também a aspetos de ventilação; e tais “exigências” seriam suficientes para “proibir” a existência de habitações “mono-orientadas”, também marcadas por muito negativas condições de vistas exteriores numa única direção geral.

A referida ventilação cruzada eficiente e “positiva” deve ser assegurada, designadamente, pela localização da cozinha e instalações sanitárias “exteriores” a sotavento, no edifício – fachada do edifício oposta ao lado de onde sopra habitualmente o vento – proporcionando-se que os gases e cheiros nocivos ou desagradáveis sejam estrategicamente e rapidamente evacuados pelos vãos exteriores, não invadindo a casa); e nesta ventilação é fundamental que ela seja estrategicamente considerada “varrendo” o máximo do volume interno da habitação; uma condição que, por exemplo, no Verão é fundamental para um bem-estar que muito ultrapassa os aspetos apenas físicos.

E naturalmente que esta estratégia de ventilação terá de ser devidamente suportada por vãos exteriores e interiores bem configurados e equipados (ex., “bandeiras” específicas de ventilação, dispositivos de ventilação integrados nos vãos, etc.).

2.4. Ausência de continuidades e contiguidades perturbadoras em termos acústicos

Nesta matéria Dreyfuss e Tribel consideram que o isolamento razoável entre duas partes da mesma habitação só é possível mediante a separação por duas portas, ou por uma parede suficientemente espessa e pesada, por exemplo, entre a sala e um quarto contíguo e que certas contiguidades não devem ser permitidas (5); e há que sublinhar que a ausência de ruído é uma condição básica da satisfação residencial, provada em muitos estudos.

Mas a estratégia de proteção acústica tem de ser muito ampla e associada:

- aos ruídos produzidos no interior da própria habitação;

- aos ruídos produzidos em habitações vizinhas (destacando-se habitações superiores) e em espaços e equipamentos comuns do edifício (ex., ascensores e escadas comuns);
- e aos ruídos exteriores mais diversos.

2.5. Conforto higrotérmico

O conforto higrotérmico tem relações diretas e indiretas com quase todos os aspetos que acabaram de ser apontados e depende de matérias específicas construtivas e de pormenor, com natural destaque para os aspetos de isolamento, sendo importante referir que este conforto tem quadros específicos e bem distintos no Inverno e no Verão, que muitas vezes não são globalmente considerados, e constitui matéria crítica no bem-estar e na saúde dos habitantes, mas com especial incidência naqueles mais sensíveis - crianças, idosos e doentes.

2.6. Nota breve sobre a grande importância específica e da integração dos diversos aspetos do conforto ambiental doméstico

Muito brevemente aqui se registam dois aspetos:

- O primeiro refere-se à vital importância específica que têm os diversos aspetos do conforto ambiental doméstico, que foram aqui apenas muito sinteticamente apontados, com o objetivo de se disponibilizar uma reflexão de síntese e relacionada com as outras matérias em seguida abordadas.
- O segundo tem a ver com a importância destes aspetos de conforto ambiental doméstico serem considerados de forma integrada, nas suas diversas matérias (insolação, higrotérmica, iluminação natural, ventilação, acústica), seja no que se refere ao interior doméstico, seja no que tem a ver com a relação entre este interior e o exterior envolvente, e ainda com a própria vivência estimulante deste exterior; esta matéria parece óbvia, mas não o é, infelizmente, e o projeto de arquitetura tem tudo a ver com tal integração.



Fig. 02: um espaço habitacional (i) que tem de ser concebido em aliança com os diversos aspetos do conforto ambiental e que (ii) é (tem de ser) muito mais do que um espaço de estritas funcionalidades e de "frios" dimensionamentos físicos.

3. Uma habitação verdadeiramente agradável e estimulante - a partir de como as crianças a sentem e vivem (segundo Gilles Barbey)

Vamos, então, em frente neste pequeno mundo doméstico e pensemos, um pouco, globalmente, sobre o que poderá ser o caminho de uma verdadeira satisfação, que ultrapasse os referidos aspectos ambientais; e nesta perspectiva podemos recorrer e generalizar, nos itens seguintes, algumas conclusões de um estudo de Gilles Barbey sobre como as crianças imaginam e leem as casas. (6)

3.1. Uso dinâmico do espaço

Barbey salienta o que refere ser um uso dinâmico do espaço, expresso em dimensões de habitações, que embora muito grandes não são monumentais:

- os quartos individuais têm aspecto agradável e estão ligados e atravessados por túneis e corredores, sugerindo itinerários e direções, capazes de proporcionarem condições exploratórias e aventureiras nas habitações;

- e a casa é considerada como um labirinto reconfortante, embora não perdendo alguns aspectos que produzem receios.

Desenvolve-se, assim, uma integração ponderada entre espaços de circulação e outros compartimentos e favorece-se, assim, uma estruturação que joga na surpresa e nas alternativas de ligações entre espaços, assim como na forte caracterização de alguns desses espaços.

Julga-se que esta forma de desenvolver uma habitação é um excelente caminho de positiva subjugação dos aspectos funcionais a valores de caracterização doméstica fundamentais e que têm também a ver com um certo sentido lúdico, estimulante do próprio prazer de usar uma casa que seja um cenário de vida estimulante e curioso, mesmo depois de muitos anos de vivência.

Uma condição que, tal como tem sido apontado, também há que favorecer ao nível do micro-urbanismo de vizinhança e que, naturalmente, deverá transparecer, de forma atraente nas relações entre esses mundos mais domésticos e estes mundos mais públicos, mas ainda muito íntimos.

3.2. Habitações caracterizadas por uma ambivalência básica

Gilles Barbey aponta, também, que as crianças imaginam casas caracterizadas por uma ambivalência básica, como elemento vertical que se ergue do solo, ou corpo concentrado, que é lugar de lançamento da pessoa na sociedade e concha de abrigo, independência e proteção; portanto, uma casa que é simultaneamente concha protetora e elemento de relacionamento urbano.

E cá temos, novamente, matéria fundamental para uma reflexão prática que sublinha o interesse de uma conjugação maximizada entre um sentido de integração de cada casa na continuidade urbana protetora e sinais sóbrios, mas claros, de identidade e de apropriação de cada sítio que se habita em casa, no café, no jardim de vizinhança, etc.

3.3. Habitações que suscitam sentimentos de permanência e relações de afetividade

E, finalmente, o referido Gilles Barbey evidencia, na imaginação doméstica infantil, as ideias de permanência e de afectividade relacionadas com a de eficácia, porque as casas vernáculas proporcionam, frequentemente, um sentimento agradável e seguro de permanência, relacionado tanto com os valores socioculturais, como com as características locais, topográficas, geológicas e climáticas; e aqui os desenhos referidos por Barbey referem-se a imagens tradicionais confirmando que as crianças procuram, naturalmente, a permanência e a duração encontradas na natureza e nas casas vernáculas.

E não será que todos nós não nos sentimos melhor em habitações e espaços residenciais marcados por tais aspectos de agradabilidade e de permanência?

Algumas notas de remate

Pensou-se, assim, um pouco, sobre a dupla e, desejavelmente, integrável importância do conforto ambiental e da força imaginativa dos nossos mundos domésticos: uma dupla perspectiva que nos poderá garantir uma habitação tão agradável/confortável como imaginativa e estimulante.

Nesta reflexão sobre os aspetos que parecem ser essenciais na concepção arquitectónica residencial iremos, na próxima semana, abordar outras matérias também ligadas ao desenvolvimento de "bons espaços e ambientes domésticos", não nos limitando aos que se podem caracterizar como "simplesmente" funcionais.

Notas:

(1) Ken Kern, "*La Casa Autoconstruida*", p. 113.

(2) Tomás Rodríguez Villasante, et al, "*Retrato de Chabolista con Piso*", p. 135.

(3) Em Portugal recomenda-se que os fogos tenham dupla exposição, sendo uma das fachadas orientada entre E-SE e SW (quartos orientados entre E-SE e S-SE, sala entre S-SE e SW); aceitam-se fogos com exposição simples, desde que a fachada não esteja orientada entre NE e SW (Ministério do Equipamento Social, "Recomendações Técnicas para Habitação Social", Art.º 4.2.1.5); no entanto continuam a acontecer situações de não cumprimento desta condição.

(4) "Deverá ficar assegurada a ventilação transversal do conjunto de cada habitação, em regra por meio de janelas dispostas em duas fachadas opostas"; assim se regista no Art.º 72, "Regulamento Geral das Edificações Urbanas", e no entanto continuamos a visitar casos de mono-orientação.

(5) Dreyfuss e Tribel consideram que certas contiguidades não devem ser permitidas: canalizações de água ao longo de paredes de quartos e salas; equipamentos hidráulicos encostados a paredes de quartos; cozinhas sobrepostas a quartos; quartos contíguos a salas de fogos vizinhos e a escadas e galerias comuns. (D. Dreyfuss; J. Tribel, "*La Cellule-Logement*", p. 25).

(6) Gilles F. Barbey, "*Man-Environment Interactions, Evaluations and Applications-Part3, Anthropological Analysis of the Home Concept: Some Considerations Based on the Interpretations of Childrens' Drawings*", pp. 146 a 149.

O presente artigo corresponde a uma edição ampliada, modificada e revista do artigo que foi editado na Infohabitar, em 22/06/2014, com o n.º 488 e integrado no ciclo editorial associado aos anos em que o autor esteve ausente do LNEC para ser professor na UBI.

Referências editoriais:

1.ª Edição: Infohabitar, Ano XVI, n.º 757, terça-feira, dezembro 01, 2020

Link para a 1.ª edição: <http://infohabitar.blogspot.com/2020/12/uma-habitacao-ligada-natureza-e-bem.html>

Etiquetas/palavras chave: habitação, agradabilidade residencial, conforto ambiental e arquitetura, conforto doméstico, crianças e habitação, habitação e natureza

Nota editorial da Infohabitar:

Embora a edição dos artigos na Infohabitar seja ponderada, caso a caso, pelo corpo editorial, no sentido de se tentar assegurar uma linha de edição marcada por um significativo nível técnico e científico, as opiniões expressas nos artigos e comentários apenas traduzem o pensamento e as posições individuais dos respectivos autores desses artigos e comentários, sendo portanto da exclusiva responsabilidade dos mesmos autores.

Infohabitar

Editor: António Baptista Coelho

Arquitecto – Escola Superior de Belas Artes de Lisboa –, doutor em Arquitectura – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto –, Investigador Principal com Habilitação em Arquitectura e Urbanismo – Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

abc.infohabitar@gmail.com, abc@lnec.pt

A Infohabitar é uma Revista do GHabitar Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional Infohabitar – Associação atualmente com sede na Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica (FENACHE) e anteriormente com sede no Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do LNEC.

Apoio à Edição: José Baptista Coelho - Lisboa, Encarnação - Olivais Norte.